

**A produção acadêmica sobre Roteiro Turístico: um debate pela superação<sup>1</sup>**Rebecca de Nazareth Costa Cisne<sup>2</sup>  
Susana Gastal<sup>3</sup>**Resumo:**

Atualmente, muitos teóricos têm fomentado discussões sobre um possível estatuto epistemológico do Turismo. Por sua ausência, o corpo teórico no campo do Turismo ainda possuiria lacunas a serem preenchidas, como é o caso dos roteiros turísticos, conceitualmente limitados à descrição de itinerários de viagem, organizados no tempo e no espaço. Com o objetivo de averiguar o contexto das discussões sobre o tema no Brasil, este artigo procurou nas revistas Turismo em Análise (2000-8), Turismo Visão e Ação (1998-2009), Caderno Virtual de Turismo (2001-2009), além dos Anais do SeminTur (2003-8) e memória da Capes de dissertações defendidas pelos programas de mestrado em Turismo (até 2006) e produção bibliográfica (até 2004) as publicações existentes sobre o tema roteiro turístico. Este estudo é parte integrante das investigações iniciais para a dissertação de mestrado e resulta da seguinte pergunta: Qual a abordagem que está sendo dada aos roteiros turísticos no panorama nacional? Os procedimentos metodológicos para a elaboração do artigo foram pesquisa bibliográfica e documental.

**Palavras-chave:** Turismo. Roteiro Turístico. Produções Bibliográficas. Contribuições Epistemológicas

**1. INTRODUÇÃO**

O conhecimento sobre o Turismo, no âmbito de produções acadêmicas, ainda é pouco e restrito às informações e às sistematizações do setor produtivo, o que evidenciaria a presença de um saber-fazer e a ausência de um fazer-saber (Moesch, 2000). A autora, assim como Fuster (1972) e Centeno (1992), crítica a visão pragmática sobre o Turismo, que o reduz ao contexto economicista que, segundo Moesch (2000), seria responsável pelo reducionismo em seu tratamento epistemológico.

Panosso (2005) afirma que os vários ensaios desenvolvidos constituem degraus para que o conhecimento avance; este artigo propõe-se a análise crítica sobre as produções existentes no Brasil sobre a questão dos roteiros turísticos, com o propósito de contribuir para o aprofundamento de sua concepção e construção teórica. O objetivo deste artigo é, então, analisar qual o tratamento que tem sido dado ao tema no âmbito das discussões acadêmicas sobre roteiro turístico. A relevância desta investigação desenha-se na análise das produções existentes no campo do Turismo sobre o roteiro e roteirização buscando avançar às

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no grupo de trabalho, do VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação de Turismo (ANPTUR). São Paulo, 2009.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul, Especializanda em Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira – INGLÊS; Bacharel em Turismo pelo Instituto de Estudos Superiores da Amazônia (IESAM) [rebeccacisne@gmail.com](mailto:rebeccacisne@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutora. Professora e Pesquisadora do Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul. Professora do Curso de Turismo da PUCRS [sgastal@terra.com.br](mailto:sgastal@terra.com.br)

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

concepções reducionistas do mercado. A inquietação que gera este artigo parte da necessidade de averiguar a abordagem dada aos roteiros turísticos no panorama nacional.

Para os estudos aqui apresentados utilizou-se como procedimentos metodológicos pesquisa documental e bibliográfica, realizados a partir do levantamento das dissertações dos cursos de Pós-Graduação em Turismo, disponibilizadas, desde o ano de sua abertura, 1999, até 2006, e das publicações bibliográficas realizadas por cada um dos PPGs - Programa de Pós Graduação - da área até o ano de 2004. Ambos os dados foram coletados conforme a memória da Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que dispõem dessas informações apenas até o ano aqui analisado. Levantou-se também as publicações nas principais revistas científicas de Turismo do Brasil e canais de divulgação da publicação acadêmica no cenário nacional: Turismo em Análise (2000-2008), Turismo Visão e Ação (1998-2009), Caderno Virtual de Turismo (2001-2009), além dos Anais do SeminTur (2003-8). O levantamento foi feito durante o primeiro semestre de 2008 e atualizado no mês de março de 2009, no caso das revistas.<sup>4</sup>

## 2. O ESTATUTO CONCEITUAL NO CAMPO DO TURISMO

O Turismo enquanto atividade estudada sob a perspectiva epistêmica pauta-se em discussões fundamentadas principalmente por Fuster (1972), Centeno (1992), Rejowski (2003), Moesch (2002), Panosso (2005), Santos Filho (2005), dentre outros. Os estudos desses autores direcionam-se à carência de um corpo teórico inerente às necessidades do Turismo, fruto da insuficiência conceitual de termos específicos da área, o que se desenha como um entrave para seu aprofundamento teórico-metodológico.

No âmbito das obras dedicadas a temática, os autores que se debruçam à sua compreensão são fundamentalmente Bahl (2004a, b), **Legados étnicos e ofertas turísticas e Viagens e roteiros turísticos**, e Tavares (2002), **City-tour**.

---

<sup>4</sup> No contexto de produções voltadas para o mercado, portanto, não acadêmicas, o Senac - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - e o Sebrae - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - possuem publicações de ordem técnica quanto à formatação de roteiros. O último destaca-se com cartilhas do tipo como formatar/montar roteiros turísticos. A consultoria Creato lançou, em 2005, um manual técnico para a elaboração de roteiros turísticos em que se considera aspectos operacionais à sua formatação. Por esta razão, não serão consideradas no contexto da presente reflexão.

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

No âmbito das políticas públicas, o Ministério do Turismo (Mtur) lançou, em abril de 2004, o Programa de Regionalização do Turismo (PRT) – Roteiros do Brasil, em que se apresenta uma nova perspectiva para o Turismo brasileiro pautada na gestão descentralizada, dentro dos princípios da flexibilidade, articulação e mobilização. Um dos objetivos do PRT é a desconcentração da oferta turística brasileira, localizada predominantemente no litoral, com a busca de interiorização da atividade e a inclusão de novos destinos nos roteiros comercializados no mercado interno e externo. Além da proposta de descentralização, o Programa de Regionalização – Roteiros do Brasil, tem proposto a gestão participativa e o que tem sido chamado de *governança local*, para que a comunidade seja de fato partícipe dos processos de turistificação, entretanto, questiona-se, até que ponto a proposta federal tem considerado, na criação dos produtos, o olhar e a autonomia do turista contemporâneo. Se tal não for colocado, o Brasil estará trabalhando com lógicas modernas, ou seja, aquelas dos séculos XIX e XX, para um viajante cuja sensibilidade e demandas navegam pelo século XXI.

### 3. O TRATAMENTO ACADÊMICO AOS ROTEIROS TURÍSTICOS

Para recuperar como a questão roteiro turístico e roteirização tem sido tratada academicamente, o resgate teórico parte da sistematização do conhecimento existente sobre o tema, para num segundo momento, dando voz ao contraditório, buscar avaliar a questão sob a perspectiva de possíveis novas construções teóricas.

Para fins do presente resgate buscou-se, nos programas de mestrado acadêmicos<sup>5</sup> em Turismo reconhecidos pela Capes, as dissertações ali defendidas. Quanto ao programa de doutorado específico há apenas um, no qual ainda não houve banca de defesa de tese. O programa mais antigo (Univali - Universidade do Vale do Itajaí) data de 1999 e desse período, até o 2006<sup>6</sup> houve 383 dissertações defendidas, das quais apenas duas tinham roteiro turístico como tema.

A primeira, defendida no ano de 2003, na Univali e intitulada “Estudo das manifestações culturais coloniais do roteiro 'caminhos de Boa Vista' – subsídios para a oferta

---

<sup>5</sup> Os programas de mestrado acadêmico no Brasil são cinco nas seguintes Universidade: UAM, em São Paulo-SP (mestrado em hospitalidade); UFRN, em Natal-RN (mestrado em Turismo); UCS, em Caxias do SUL-RS (mestrado em Turismo); UNIVALI no Vale do Itajaí-SC (mestrado em Turismo e hotelaria); UNA, em Belo Horizonte-MG (mestrado em Turismo e meio ambiente)

<sup>6</sup> Ano em que, até a sistematização realizada pela autora (em meados de 2008), a Capes havia disponibilizado tais informações

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

como Turismo cultural em Santa Cruz do Sul-RS”, traz como objetivo mapear as manifestações culturais dos roteiros “Caminhos da Boa Vista” em Santa Cruz do Sul-RS. O referencial teórico aborda temas como cultura, identidade cultural, Turismo, Turismo rural, manifestações culturais e roteiros turísticos, além de apresentar especificidades sobre o roteiro estudado. Quanto a abordagem sobre roteiros turísticos, a autora dedica um capítulo de nove páginas, em que é apresentada algumas concepções conceituais, algumas questões técnicas quanto a sua elaboração, aspectos sobre a viabilidade de uma destinação turística, componentes inerentes ao roteiro (atrativos, alojamento e alimentação, transportes, entretenimento e animação turísticas, estrutura básica e de apoio ao Turismo) e considerações sobre o envolvimento da comunidade. O roteiro foi estudado por meio de uma abordagem etnográfica e aplicação de questionário aos moradores que foram questionados sobre o surgimento do roteiro, suas percepções sobre ele e questões relacionadas aos aspectos culturais (EICHENBERG, 2003).

A segunda, defendida em 2005 na UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz, intitulada “Análise do agenciamento dos roteiros turísticos culturais em Ilhéus - BA: uma abordagem econômica e sócio-cultural” analisa o serviço de roteiros turísticos culturais prestados pelo setor de agenciamento turístico receptivo da cidade de Ilhéus-BA e tem como objetivo abordar os aspectos econômicos e socioculturais envolvidos na prestação desse serviço, com base no estudo do perfil do cliente e, de forma mais específica, o trabalho busca descrever os roteiros turísticos culturais agenciados no município, identificar o perfil geral dos turistas e analisar preferências e atitudes do turista por meio do estudo de algumas variáveis psicográficas. O quadro teórico aborda questões de agenciamento, turismo, cultura, análise de perfil e roteiros turísticos, esse tem dedicado a si considerações de cunho conceituais, o foco maior é dado aos roteiros turísticos culturais (LEMOS, 2005).

Conforme a memória virtual da Capes, até o ano de 2004<sup>7</sup> os Programas de Mestrado tinham cerca de 1500 publicações, das quais duas tinham o roteiro turístico como foco de análise, sendo um livro organizado: “Roteiros de turismo e patrimônio histórico”, que apresenta dez capítulos sobre os roteiros turísticos do Rio Grande do Sul. E o outro, “O agenciamento dos roteiros históricos e culturais na cidade de Ilhéus/Bahia”<sup>8</sup> (MATA, 2004),

---

<sup>7</sup> Apenas os dados do Centro Universitário UNA foram considerados até o ano de 2006.

<sup>8</sup> Não se teve acesso aos anais

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

que teve apenas o resumo publicado nos anais do VIII Encontro Nacional de Turismo com Base Local que aconteceu em Curitiba.

Também foram analisadas as cinco edições do Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul – SeminTur; nesse evento, entre 572 artigos apresentados, apenas três traziam roteiro turístico como tema: “Roteiros e eventos como elementos dinâmicos no desenvolvimento regional do Turismo” (BAHL, 2005); “Proposta de elaboração de roteiro turístico para o litoral sul de Santa Catarina” (SANTIAGO & NOVAES, 2005); “Roteiro Caminhos de Santiago das Missões: empreendedorismo e gestão”, (MARQUETTO & SZALANSKI, 2008).

O primeiro apresenta considerações sobre os roteiros e os eventos como elementos dinâmicos para o desenvolvimento regional do Turismo. Pelo envolvimento de bens e serviços que necessitam para a sua configuração e pelos tipos de fluxos que atraem ou podem gerar, ambos atuam diretamente com a oferta turística de uma localidade ou região. O quadro teórico do artigo discorre sobre Turismo e eventos como produto turístico e atividade de negócios, sua criação e seu âmbito de acontecimento (regional, local, internacional e mundial) e, por fim, roteiros turísticos com breves conceituações sobre o tema, sua dimensão espacial (local, regional, nacional e internacional) e finalmente é dissertado sobre a importância dos roteiros (BAHL, 2005).

Santiago e Novaes (2005), ao apresentarem uma proposta de elaboração de roteiro turístico para o Litoral Sul de Santa Catarina, defendem o fortalecimento da atividade e a ampliação da oferta turística estadual. A ação projetada consta do estudo de metodologias de planejamento regional e roteiros turísticos e a proposta de conhecimentos técnicos para elaboração destes, com aplicação aos municípios de Garopaba, Imbituba e Laguna, mas adaptável a outras regiões turísticas. O quadro teórico apresenta considerações sobre planejamento, programa de regionalização do MTur, especificidades do local estudado, além de questões políticas do Turismo segundo a secretaria de Turismo do estado, desenvolvimento sustentável e alguns aspectos técnicos relacionados aos roteiros turísticos.

E, por fim, o terceiro, reflete sobre a gestão empreendedora a partir da configuração dos processos de gestão adequados ao roteiro em questão. O quadro teórico aponta questões relacionadas à gestão empreendedora e Turismo, especificidades do roteiro estudado e seu itinerário. O artigo analisa, então, as características empreendedoras e gerenciais das pessoas que estão diretamente envolvidas na implementação do roteiro.

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

Em termos de periódicos científicos, a Revista Turismo em Análise, a mais antiga publicação científica na área no Brasil publicou, entre 2000 a 2008, 140 artigos científicos. Desses, três tiveram o roteiro turístico como foco de análise.

Sob o título “Ordem régia de censura a roteiros turísticos do século XVIII: André João Antonil no Índice”, Santos Filho (2001) discute, baseado na obra “Cultura e Opulência do Brasil”, de André João Antonil, sobre os roteiros existentes no livro e apresenta suas características. Por fim, o autor conclui que a historiografia sobre o tema roteiros turísticos ainda é incipiente. No artigo “A pedra basalto como atrativo turístico em roteiros turísticos temáticos para a região Uva e Vinho”, Antunes e Lanzer (2005) propõem a inclusão da pedra basalto na Região da Uva e Vinho. O quadro teórico apresenta considerações sobre geologia, história dos Rio Grande do Sul, arquitetura, Turismo e roteiros turísticos, sobre os quais apresenta-se apenas conceitos. Quanto ao artigo “Sintonizando sensações e emoções com roteiros de turismo alternativo: um estudo com praticantes de atividades físicas”, Castilho e Schwartz (2006), não se teve acesso.

O periódico Turismo Visão e Ação, no período de 1998 a abril de 2008, publicou 170 artigos científicos, dos quais apenas um trata de roteiros turísticos: “Avaliação do planejamento do Turismo rural no roteiro Nostra Colonia, Jaguari-RS”, que possui em seu quadro teórico questões inerentes ao roteiros, seu processo de planejamento, a situação em que o mesmo se encontrava em 2007, a atuação do Sebrae do setor público (PEDRON, ALMEIDA, SOUZA, 2008).

Na revista virtual Caderno Virtual de Turismo no período de 2001 a setembro de 2008 foram publicados 171 artigos científicos. Dos quais nenhum tem como tema a questão dos roteiros turísticos.

Conforme pode ser observado, as abordagens dada ao roteiro turístico restringem-se a estudos sobre um roteiro específica (*case*) ou, quando dada outra abordagem, há apenas repetições de conceitos sem maiores debates sobre eles.

Observa-se que a bibliografia sobre as concepções de roteiros turísticos tem sido pontuais à pragmática da descrição de itinerários de viagem. Apesar de pioneiras e vetoras para o conhecimento inicial sobre o assunto, tais concepções precisam ser analisadas com um olhar mais crítico e analítico, uma vez que estão distantes de contemplar a complexidade pressuposta pela atividade turística. Nesse âmbito, a busca pelo entendimento do tema deve ser acompanhada não apenas por um estudo técnico, vital a qualquer trabalho nesse âmbito,

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

mas também por um estudo sistêmico e epistemológico, de forma a contribuir à comunidade científica, sob as perspectivas de sistematizar as concepções e teorias sobre o assunto, com vista no processo holístico, dinâmico, econômico, sociocultural e político do Turismo.

Com o objetivo de transcender as questões hoje impostas ao roteiro turístico, a análise que segue caminha para um novo pensar no âmbito dos roteiros, considerando aspectos da contemporaneidade no contexto do desenvolvimento do Turismo.

#### 4. O ROTEIRO TURÍSTICO

Quando se trata de roteiro turístico, existem vários termos e conceitos que o acompanham. Alguns, muitas vezes são utilizados como sinônimos ou complementares, tais como: circuito, excursão, itinerário e pacote turístico. Bahl (2004a) quando fala em itinerário o descreve como um roteiro de uma viagem ou deslocamento; caminho a seguir de um local para o outro. Tavares (2002) afirma que esta é uma das nomenclaturas mais utilizadas para roteiro turístico; concernente ou relativo a caminhos; descrição de viagem, roteiro, caminho que se vai percorrer, ou se percorreu; caminho, trajeto, percursos. Apesar de ser apontado pela literatura como sinônimo de roteiro, o itinerário turístico não possui uma abrangência tão grande no que concerne a inclusão de serviços como os roteiros turísticos.

Quanto a circuito turístico, Bahl (2004a) afirma ser a proposição de itinerários, ou percurso circular de uma programação turística, para que não se passe duas vezes pela mesma localidade antes de retornar ao ponto de partida. Excursão, segundo o autor seria viagem turística com um roteiro previamente estabelecido, de uma utilização individual ou coletiva, geralmente organizados por uma agência de viagens, com o tempo de duração limitado e número variado de países e cidades. Tavares (2002) limita-se a dizer que excursão é um pacote turístico coletivo. Esse último, deriva do inglês *package*, que conforme o dicionário *Oxford*, se refere a um conjunto de itens e idéias que são trazidas e devem ser aceitas juntas. Tavares (2002) ao tratar do termo, refere-se a ele como um roteiro de viagem, o qual inclui os serviços a serem utilizados, ou seja, os “elementos intervenientes” (BAHL, 2004a) que constam na programação. Ela afirma ainda que esse é um tipo de roteiro turístico em que os elementos são vendidos em conjunto, não podendo ser vendidos separadamente, o que mantém a idéia de *all include*. Bahl (2004b) corrobora com essa idéia ao afirmar que pacotes turísticos são roteiros turísticos compostos por outros roteiros turísticos que, quando



VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

conjugados, formam um grupo mais amplo que é divulgado em unidade. Para Tavares (2002), os pacotes podem ser classificados em dois tipos distintos: 1) individual (*fortfairs*), em que o “cliente” pode escolher sua programação; e 2) coletivos (excursão) em que o passageiro está sujeito ao roteiro “escolhido pelo grupo”; muitas vezes, contudo, esse roteiro é escolhido pelo agente operador e tem perfil de “produto montado” a ser lançado na “prateleira” da agência com um rótulo comercial criado por um processo pronto.

Tal complexidade chega, portanto, ao âmbito dos roteiros turísticos; Bahl (2004a, p. 42) o define como “descrição pormenorizada de uma viagem ou seu itinerário. Ainda, indicação de uma seqüência de atrativos existentes em uma localidade e merecedores de serem visitados”. Essa definição está em concordância com o que é apresentado por Tavares (2002), quando a autora recorre ao Dicionário de Língua Portuguesa, Aurélio (2001), em busca de uma definição. Esse, por sua vez, considera roteiro como sinônimo de itinerário e acrescenta que roteiro turístico é uma indicação metódica e minuciosa da situação e direção de caminhos. Além da análise de produto rotulado lançado ao comércio implícito na idéia de Bahl ao propor que roteiro seja visto como mero objeto descritivo, outro aspecto é passível de análise, a afirmativa de seqüência de atrativos merecedores de serem visitados, o que implica em uma subjetividade inerente àquele que o formata e o olhar desse agente operador sobre a área a ser visitada. Ora, o interesse de cada ser humano, aqui encarado como turista, é variável e dependente de cada situação e local, no caso do Turismo, envolve fatores complexos como motivação e, ao considerá-lo sob a perspectiva de desejo, envolve as expectativas intrínsecas do ser turista frente àquela localidade visitada, ou seja, à subjetividade relativa no contexto desses atrativos merecedores de serem visitados. Grandes e suntuosas igrejas da Europa estão comumente presentes nos roteiros “emprateleirados” das agências de Turismo, o interesse do visitante pode transcender tais atrativos.

Essa subjetividade continua presente quando o autor acrescenta que um roteiro bem idealizado é uma forma de reunir diversos elementos que apresentem os mais diversos aspectos de uma região ou localidades, para ele, tais elementos despertam não só os interesses das pessoas como também preenchem as necessidades de evasão e deslocamento, o que as torna motivadoras para viagem. Sob esse ponto de vista, o autor, sugere que nos roteiros sejam incluídos aspectos relacionados a conteúdos históricos, geográficos, sociais, econômicos, urbanísticos, culturais, religiosos, folclóricos, dentre outros. Além disso, a vinculação da imagem do local, para o autor, estará vinculada aos seus atrativos oriundos das



características culturais ou naturais. Essa afirmação está em conformidade com o que diz o Mtur – Ministério do Turismo – em que os roteiros turísticos são itinerários caracterizados por um ou mais elemento que lhe conferem identidade.

Tavares (2002) diz que o roteiro turístico é uma das principais formas de contextualizar os atrativos existentes em uma localidade e, conseqüentemente, potencializar seu poder de atratividade, o que pode dinamizar o potencial de atração turística da localidade. Nele, os atrativos estão inseridos em um contexto maior, mas, de forma geral, os roteiros são um atrativo em si só. A autora contudo transcende essa dimensão e afirma que os roteiros não devem ser concebidos tão somente como uma seqüência de atrativos a serem visitados, mas como uma importante ferramenta para a leitura da realidade existente e da situação sociocultural vigente na localidade. Essa leitura, contudo, também está passível ao olhar subjetivo do operador.

Além desses aspectos, outro de maior complexidade merece destaque: o reducionismo conceitual. O conhecimento que se tem sobre o Turismo no âmbito de produções acadêmicas, ainda é pouca e restrita às informações e sistematizações do setor produtivo (MOESCH, 2002). No que se refere ao roteiro turístico, as tentativas de definição, de forma geral, limitam-se a questões de comercializações e, as publicações sobre o assunto são em maioria reduzidas a questões operacionais. Algumas, contudo, ainda que timidamente fogem dessa “regra”, mas são pontuais colocando-as apenas como descrição de itinerários de viagens, conforme apontado anteriormente. Apesar de pioneiras e vetoras para o conhecimento inicial sobre o assunto, tais concepções precisam ser analisadas sob um ponto de vista mais analítico, uma vez que estão distante de contemplar a complexidade pressuposta pela complexidade turística. Conforme é reafirmado por Tavares (2002) que observa que o termo roteiro turístico implica em um conceito amplo ainda não alcançado.

Essa questão pode ser observada nas tentativas de definição que seguem: considerado por Bahl (2004a) como uma associação de vários produtos turísticos (destinações e serviços) podendo-se denominá-la como produto passível de compra. O MTur corrobora com essa linha de valor comercial atribuída aos roteiros turísticos e, além da comercialização o considera sua definição e estruturação com finalidade de planejamento, gestão e promoção. A vertente pragmática comercial é ainda mais acentuada pelo órgão federal quando esse aponta que a “roteirização é um processo com finalidade mercadológica” (MTUR, 2005, p. 6), idéia reforçada pela Creato (2005) para qual o objetivo do roteiro é tornar-se instrumento que

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

facilite a promoção e venda do destino por meio da combinação das atividades de cunho histórico e cultural das localidades, de forma a valorizá-las utilizando transporte apropriado para a formação de uma imagem própria, única e voltada para a criação da permanência. Esse último aspecto também é considerado pelo MTur (2005) como um meio para o aumento do gasto média do turista na localidade. A questão da imagem também é tomada por Bahl (2004a). Essa, segundo o autor deve ser transmitida em conformidade com a realidade local

A Creato (2005) considera o roteiro turístico como sendo aqueles que abordam **Temas** específicos, além de identificar e combinar as principais potencialidades do ambiente natural e cultural de uma região, interpretando-as, combinando-as e transformando-as em produtos turísticos comercializáveis. Essa descrição do que seria roteiro turístico exclui a possibilidade de existência de roteiros turísticos panorâmicos (gerais), considerado por Bahl (2004a). Sobre o assunto, o autor diz que os roteiros podem aglutinar **Temas** e objetivos. Para ele, o roteiro resume todo o processo de ordenação de elementos intervenientes (**Tempo e Espaço**), na efetivação de uma viagem e assim desencadear posterior circulação turística, seguindo determinados trajetos e assim criar fluxos e possibilidades de um aproveitamento racional dos atrativos a visitar, além de influenciar no valor final do produto. Para Bahl (2004a), o desenvolvimento de roteiros turísticos com exposição **temática** fundamentada em conteúdos culturais e naturais desperta o interesse das pessoas e preenchem sua necessidade de evasão e deslocamento motivando-as a viajar.

De certa maneira, o mesmo reducionismo se aplica às tentativas de definições e/ou conceituações de termos ainda mais próximos de seu uso de senso comum do que simplificativo de uma construção teórica consistente. O conhecimento de senso comum revela a forma mais elementar que o homem utiliza para interpretar o mundo e surge da necessidade de resolver problemas imediatos, ligados à praticidade fatural (Bombassaro, 1992). Para o autor, o senso comum desconhece explicações causais; permanece preso à opinião; não permite correções e, não se deixa apanhar pela crítica e, por isso, oferece uma visão fragmentada da realidade. Além da visão fragmentada que se tem devido ao conhecimento de senso comum, Moesch (2002) considera ainda que os estudos nessa área são fragmentados, unilaterais e com insuficiência metodológica, pontuais, com ausência de um espírito crítico passível de autonomia intelectual.

Esse reducionismo conceitual, aliado ao discurso do *trade* – ou seja ao saber-fazer (MOESCH, 2002) necessita de aprofundamento quando se trata de um fazer-saber. Segundo a

autora, o vislumbramento dos economistas quanto ao avanço do fenômeno turístico fez com que eles vejam o crescimento das taxas de desenvolvimento das diferentes regiões; essa visão calcada na égide economicista contribui para que o Turismo seja analisado por uma vertente pragmática tomado pelo forte apelo econômico. Essa posição é, segundo Moesch (2002), outra responsável por seu reducionismo epistemológico.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O tema roteiro turístico ainda é tratado com limitações de senso comum e possui pouco conhecimento científico com discussões teórico-conceituais capazes de abarcar sua complexidade. De modo geral, o roteiro turísticos em sua concepções teóricas é resumido à um itinerário de viagens/loais a serem visitados pelos turistas ou visitantes de uma localidade.

Assim como o Turismo ainda é percebido e muito discutido (apesar de que, atualmente, tem-se fomentado discussões mais epistemológicas sobre o tema) sob a vertente mercadológica e, conceitualmente, reduzido às categorias tempo e espaço, o tema roteiro turístico também é tratado da mesma forma.

As restritas publicações nos canais de divulgação do conhecimento científico averiguados limitam-se, em sua totalidade, a apontamentos de concepções teóricas, sem discorrer ou debater sobre elas (talvez por não serem o foco do trabalho) e ao estudo de um roteiro em específico. Apesar de reconhecer a importância de tais estudos, acredita-se na importância de elucidar e fomentar debates e discussões que avancem no sentido de construções teórico-metodológicas sobre o tema transcendendo as aplicações/informações técnicas sobre o assunto, principalmente dentro da academia.

Para avanços no entendimento do assunto e na busca pelo avanço no estatuto epistemológico do turismo, sugere-se que estudos, a partir da seleção de categorias de análises, sejam feitas. O objetivo de elencar categorias é analisá-las de forma sistemática e dentro de dos campos de conhecimento no qual se aplicam, para então avaliá-las dentro do contexto do turismo e, então, no âmbito dos roteiros turísticos.

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, J. R. & LANZER, R. A pedra basalto como atrativo turístico em roteiros temáticos para a Região Uva e Vinho. IN: **Turismo em Análise**, v. 16, n. 2, p. 174-190, 2005.
- BAHL, M. **Viagens e roteiros turísticos**. Curitiba: Protex, 2004a.
- \_\_\_\_\_, M. **Legados étnicos e ofertas turísticas**. Curitiba: Juruá, 2004b.
- \_\_\_\_\_, M. Roteiros e eventos como elementos dinâmicos no desenvolvimento regional do Turismo. IN: **Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**, 03, 2005, Caxias do Sul, Anais... 1 CD-ROOM.
- BOMBASSARO, L. C. **As fronteiras da epistemologia: uma introdução ao problema da racionalidade e da historicidade do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.
- BRASIL. Ministério do Turismo. Coordenação Geral de Regionalização. Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil: **Módulo Operacional 7: Regionalização turística**. Ministério do Turismo. Brasília, 2007.
- CENTENO, R. **Metodología de la investigación aplicada al Turismo**. México: Trillas, 1992
- CREATO, Oficina de Roteiros. **Manual Técnico de Desenvolvimento e Operação de Produtos e Roteiros Turísticos**. 10. ed. Belo Horizonte. 2005.
- EICHENBERG, R. M. H. **Estudo das manifestações culturais coloniais do roteiro Caminhos de Boa Vista: Subsídios para a oferta como Turismo cultural em Santa Cruz do Sul-RS**. Balneário Camboriú: UNIVALI, 2003. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria), Universidade do Vale do Itajaí, Campus de Balneário Camboriú, 2003.
- FUSTER, F. **Teoría y técnica del Turismo**. 4ed. Madrid: Nacional, 1972.
- LEMONS, A. S. R. **Análise do agenciamento dos roteiros turísticos culturais em Ilhéus-BA: Uma abordagem econômica e sócio-cultural**. Ilhéus: UESC, 2005. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo), Universidade Estadual de Santa Cruz, Universidade Federal da Bahia, 2005.
- MARQUETTO & SZALANSKI. Roteiro Caminhos de Santiago das Missões: empreendedorismo e gestão. IN: **Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**, 05, 2008, Caxias do Sul, Anais... 1 CD-ROOM.
- MOESCH, M. **A produção do saber turístico**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.
- PEDRON, F. de A.; ALMEIDA, J. A.; SOUZA, M. de. Avaliação do planejamento do turismo rural no roteiro nostra colônia, Jaguarí-RS. IN: **Revista Visão e Ação**. V. 10, N. 2, 2008.
- REJOWSKI, M. **Turismo e pesquisa científica: Pensamento internacional x situação Brasileira**. 7ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- SANTIAGO, R. C. & NOVAES, M. H. **Proposta de elaboração de roteiro turístico para o Litoral sul de Santa Catarina**. IN: **Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**, 03, 2005, Caxias do Sul, Anais... 1 CD-ROOM.
- SANTOS FILHO, J. Ordem régia de censura a roteiros turísticos do século XVIII: André João Antonil no índex. IN: **Turismo em Análise**. v. 12, n. 1, 2001.
- \_\_\_\_\_, J. **Ontologia do Turismo: Estudo de suas causas primeiras**. 1. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.
- TAVARES, A. de M. **City-tour**. São Paulo: Aleph, 2002.